

UM ESTUDO TOPONÍMICO DE BONSUCESSO E PAI ANDRÉ NO RIO CUIABÁ-MT

A STUDY OF BONSUCESSO TOPONYMIC AND PAI ANDRÉ IN CUIABÁ RIVER-MT

*Elias Alves de Andrade**

*Marcilene Ribeiro da Silva***

RESUMO: Este trabalho é uma contribuição para o estudo da Toponímia, tomando-se como cenário os distritos de Bonsucesso e Pai André, ambos localizados à margem direita do rio Cuiabá, no município de Várzea Grande-MT, tendo-se por referência, dentre outros autores, Dick (1990), Monteiro (1987) e Andrade (2007). Objetiva-se, com esta pesquisa, abordar aspectos sociolinguísticos e histórico-culturais dos mencionados distritos, dos municípios de Várzea Grande e Cuiabá e do próprio Estado de Mato Grosso por meio do levantamento do inventário toponímico dessa área ribeirinha, a qual integra a microrregião mato-grossense denominada Baixada Cuiabana, contexto de abrangência do “dialeto caipira” trazido para a fronteira oeste do Brasil pelos bandeirantes paulistas a partir do século XVIII. PALAVRAS-CHAVE: toponímia, Bonsucesso, Pai André.

ABSTRACT: This work is a contribution to the study of the toponymy, taking as scenery the districts of Bonsucesso and Pai André, both localized on the right margin of the Cuiabá river, in the city of Várzea Grande-MT, using as reference, between other authors, DICK (1990), MONTEIRO (1987) and ANDRADE (2007). It is this research's objective to approach socio-linguistic and historic-cultural aspects of the mentioned districts, of the city of Várzea Grande and Cuiabá and the state of Mato Grosso through the survey of the toponymic inventory of this creek area that is part of the mato-grossense microregion named Baixada Cuiabana, context of the “dialeto caipira”, brought to the west frontier of Brazil by the bandeirantes paulistas starting from the XVIII century.

KEYWORDS: toponymy, Bonsucesso, Pai André.

* Universidade Federal do Mato Grosso (UFTM), Cuiabá, Estado do Mato Grosso, Brasil. Professor Associado III do Departamento de Letras do Instituto de Linguagens e do Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL/IL/UFMT), Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. E-mail: elias@cpd.ufmt.br.

** Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/MeEL/IL), Cuiabá, Estado do Mato Grosso, Brasil. Mestre em Estudos de Linguagem pelo Instituto de Linguagens (IL). E-mail: silvamarcsm@gmail.com.

UM ESTUDO TOPONÍMICO DE BONSUCESSO E PAI ANDRÉ NO RIO CUIABÁ-MT

Introdução

O topônimo traz em si marcas que representam o universo sociocultural dos grupos humanos que habitam ou habitaram determinadas regiões e, por esse motivo, configura-se como testemunho histórico da vida social de uma população. Por carregar consigo um valor que extrapola o próprio ato da nomeação, o inventário toponímico representativo de um povo constitui a sua crônica, uma vez que conserva suas tradições e costumes, além do registro das características topográficas locais.

Sob esse enfoque, objetiva-se, com este artigo, contribuir para o estudo da Toponímia, tomando-se como cenário os distritos de Bonsucesso e Pai André, ambos localizados à margem direita do rio Cuiabá, no município de Várzea Grande-MT, rota dos bandeirantes paulistas, antigo caminho fluvial de São Paulo via rio Tietê até Mato Grosso, tendo-se por referência, dentre outros autores, Dick (1990), Monteiro (1987) e Andrade (2007). Nessa investigação, serão abordados aspectos linguísticos e sócio-histórico-culturais dos mencionados distritos e dos municípios de Várzea Grande e Cuiabá, por meio do levantamento parcial e da classificação do inventário toponímico dessa área ribeirinha que integra a microrregião da Baixada Cuiabana.

Para a coleta dos dados nas duas localidades, adotou-se a entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa, tendo como informantes três

moradores de cada distrito, com idade a partir de 65 anos, residentes nos locais desde a infância, por acreditar-se que eles possuem domínio da história oral da região em estudo.

Este trabalho guarda vínculo com os projetos de pesquisa: “Estudo do português em manuscritos produzidos em Mato Grosso a partir do séc. XVIII” (MeEL/IL/UFMT), “História e variedade do português paulista às margens do Anhembi” e “Edição de textos literários e não literários em língua portuguesa” (FFLCH/USP).

1. Toponímia: origens e princípios

A história da civilização demonstra que a nomeação de pessoas e de lugares sempre foi atividade exercida pelo homem como prática rotineira. Evidência desse costume está presente no episódio da criação do mundo, quando a Bíblia, em Gênesis, capítulos 1 e 2, relata que Deus, pelo poder da palavra, ordenou que o universo existisse e que cada ser que o habitasse desempenhasse uma função, que deveria constituir-se no elemento caracterizador da identificação e da individualização desse ser em relação aos demais e, com isso, estabelecer a devida correspondência entre si mesmo e seu respectivo nome. Ao criar Adão,¹ Deus delegou-lhe o poder de nomear todos os animais da terra e todas as aves do céu, cabendo-lhe também nomear a mulher Eva,² que recebeu por companhia.

Essas passagens bíblicas, tomando-se como exemplo os topônimos que se referem ao Jardim do Éden³ e aos quatro primeiros rios: Fison (ou Pisom), Geon (ou Giom), Tigre e Eufrates, sob a ótica da criação do mundo segundo o povo hebreu, enriquecem a Onomástica e justificam a sua postulação como ciência.

Para Dick (1987: 6, 7), o poder denominador de Adão sobre todos os animais da terra configura a posse intelectual de uma espécie sobre as outras, através da manifestação simbólica da linguagem. O ato de “dar nomes” e o “conhecer os nomes dados”, para os primitivos em geral, tinham uma conotação própria, porque pressupunha toda uma recorrência ao mecanismo

¹ O antropônimo Adão, que vem do hebraico, significa “homem de terra vermelha, do barro”, assim denominado por causa do solo vermelho da Palestina do qual teria sido gerado.

² O antropônimo Eva, do hebraico “hawwâh”, significa *vida* e, por essa razão, é considerada a mãe da humanidade.

³ O topônimo Éden vem do hebraico e significa “delícia, lugar de delícias ou ainda de prazer, de deleite”.

de domínio do ente, cujo nome de batismo, o primeiro, clânico, por certo, se tornava público.

A necessidade de organizar o mundo atribuindo nomes aos seres e às coisas que dele fazem parte revelou-se atributo tão relevante para o homem a ponto de ser considerado o seu primeiro patrimônio. Tanto isso é verdadeiro que, ainda hoje, usa-se afirmar, como adágio popular, que “só se tem o nome para dar em garantia ou de um negócio ou de uma palavra empenhada”.

Definida como o ramo da Onomástica cujo objeto de estudo é o nome próprio do lugar, a Toponímia, do grego *topos* (lugar) e *onoma* (nome), apareceu de forma sistematizada na França, por volta de 1878, quando Auguste Longnon introduziu os seus estudos, em caráter regular, na *École Pratique des Hautes – Études* e no *Colège de France*.

A princípio, em consonância com Dick (1987), a toponímia era genética, pois tinha como objetivo recuperar a etimologia dos nomes, elemento considerado suficiente para satisfazer a teoria. Posteriormente, em 1922, Albert Dauzat redirecionou os estudos toponímicos, principalmente com a sistematização dos processos de pesquisa, que, a partir de então, passam a investigar o fato baseado em dados mais sólidos da história, da geografia e da língua regionais, objetivando, com essas diretrizes, recuperar tanto a etimologia quanto o significado do nome.

Além da França, outros países como os Estados Unidos e o Canadá também se destacam nessa área. Os EUA contam com a revista *Names*, que tem como objetivos o estudo da etimologia, da origem, do significado e da aplicação das categorias do nome – geográfico, pessoal, científico, comercial e popular –, e a divulgação desses resultados, assim como tornar o povo norte-americano consciente do interesse e da importância dos nomes em todos os campos do saber e em todas as disciplinas ministradas nas escolas.

No Brasil, os estudos de Toponímia foram iniciados, de forma sistemática, na Universidade de São Paulo (USP),⁴ enquanto disciplina da área de Linguística, e tiveram como precursores Theodoro Sampaio, com “O Tupi na Geografia Nacional”, de 1914; Armando Levy Cardoso, com “Toponímia brasileira”, de 1961; e Carlos Drummond, com “Contribuição do Bororo à toponímia brasileira”, de 1965. Atualmente, dentre os principais pesquisadores

⁴ A Toponímia pertence aos quadros de disciplinas da graduação do curso de Letras da Universidade de São Paulo (USP) sob o nome “Toponímia Geral e do Brasil” desde, pelo menos, a década de 60 do séc. XX, com conteúdo desenvolvido desde 1934 junto à cadeira de Etnografia e Língua Tupi, vinculada ao curso de Geografia e História.

sobre o tema no Brasil, encontra-se Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, da USP.

De acordo com Dick (1990: 21, 22), a Toponímia reveste-se de importância histórica para uma dada comunidade ou região, porque os topônimos são verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população e que encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação. Para ela, o topônimo traz em si aspectos linguísticos e sócio-histórico-culturais que refletem os diferentes estágios da vida de uma comunidade e de um povo, por meio do qual é possível evidenciar e recuperar características linguísticas do passado dessa comunidade ou desse povo, assim como os valores e as crenças que o identificam.

2. Cuiabá, Várzea Grande, Bonsucesso e Pai André: aspectos geo-históricos

Embora o foco deste artigo seja o levantamento parcial e a respectiva classificação taxionômica do inventário toponímico de Bonsucesso e Pai André, faz-se necessário revisitar a história da fundação de Cuiabá e de Várzea Grande, porque as duas comunidades delas fazem parte.

Por essa razão, justifica-se a inclusão neste trabalho de alguns topônimos pertencentes aos municípios de Cuiabá, Várzea Grande, Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio de Leverger, pelo imbricamento de relações que os identificam como parte de um mesmo tronco geo-histórico e linguístico-cultural.

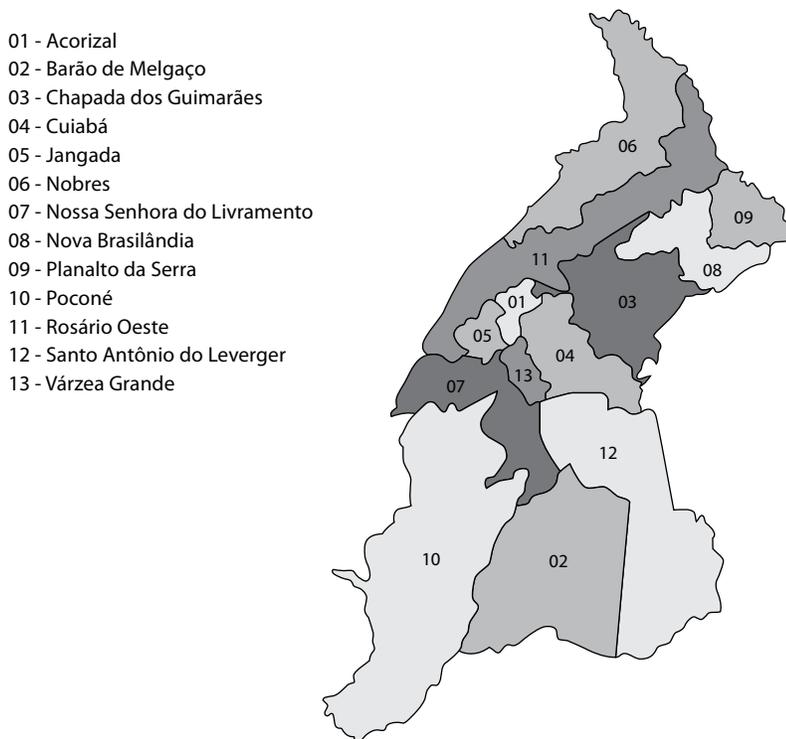
2.1. Baixada Cuiabana, Planície Cuiabana ou Vale do Cuiabá⁵

A Baixada Cuiabana abrange uma área territorial de 85.369,70 km². Além dos municípios anteriormente citados, outros como Acorizal, Barão de Melgaço, Chapada dos Guimarães, Jangada, Nobres, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé e Rosário Oeste constituem o seu território. Essas localidades

⁵ Denomina-se Baixada Cuiabana, Planície Cuiabana ou Vale do Cuiabá a região formada pelos municípios e comunidades que devem sua origem ao rio Cuiabá e seus afluentes, confluente e defluente. Segundo Santiago-Almeida (2005: 21), “[...] as águas desses rios foram utilizadas pelos monçoeiros e bandeirantes paulistas, no século XVIII, como principal caminho de acesso, primeiramente, às aldeias indígenas (minas de escravos) e, depois, às minas auríferas da dita região”. Tais atividades econômicas deram origem ao povoamento dessa região, provendo-a de uma base cultural e linguística homogênea determinante na formação do falar cuiabano.

pertencem à bacia dos rios Cuiabá e Paraguai e têm como principal polo de desenvolvimento e raízes socioculturais a cidade de Cuiabá.

Mapa 1: Baixada Cuiabana



Fonte: Sistema de informações territoriais. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br>>.

2.2. Cuiabá

A fundação de Cuiabá é resultante de dois fatores ligados ao movimento bandeirante paulista: primeiro, a captura de índios para comercialização; segundo, a descoberta de ouro na região do rio Coxipó, afluente do rio Cuiabá.

A notícia do ouro das minas do Coxipó motivou os paulistas e habitantes de outros locais que, servindo-se de expedições fluviais denominadas monções, partiam de Ararituaba,⁶ atual Porto Feliz, no rio Tietê, antigo

⁶ Conforme Sampaio (1987: 200), o topônimo Ararituaba, de origem indígena tupi (s.c. Arar-itá-guaba), quer dizer o barreiro das araras ou dos papagaios; lugar abarrancado à

Anhembi, demandando a Cuiabá. Antônio Pires de Campos, em 1718, e Paschoal Moreira Cabral Leme, em 1719, foram os primeiros bandeirantes a chegarem à região.

Segundo Silva (2007: 7), as monções legaram toda uma gama de relações e marcas à paisagem, de apropriação dos meios naturais, de ação criativa nos aspectos culturais, materiais e imateriais. Entende-se que, embora as monções tenham admitido formas e objetivos bastante diversos – de povoamento, comerciais, exploratórios, militares, e até científicos –, o elemento que as unifica como movimento e como método é o emprego sistemático das bacias dos rios Paraná e Paraguai como vias de transporte para os sertões. Suas origens remontam ao estabelecimento do núcleo colonial à beira do rio Cuiabá e às atividades de seu abastecimento, estendendo-se até o final da década de 1830, quando da última monção.

Muitos caminhos fluviais foram usados pelas monções, que demoravam aproximadamente três meses para chegarem ao seu destino. Um deles foi o que partia de Araritaguaba pelo rio Tietê, com destino à Vila do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, passando da bacia do rio Paraná à do rio Paraguai na altura da serra de Maracaju, a divisora das águas.

Moreira Cabral, que viria a fundar Cuiabá, antes passou pela região de Vacaria, à busca da preta de índios para escravizar, depois, andou pelas margens do rio Mbotetey, mais tarde rio Miranda, quase em sua foz com o rio Paraguai, seguindo finalmente para o Arraial Velho, já no rio Cuiabá, alcançando a confluência do rio Coxipó, ainda no intuito de prear índios, por indicação de Antônio Pires de Campos, que noticiou a existência de aldeamentos de índios coxiponé na dita região.

No rio Coxipó, descobriu-se, por acaso, o ouro em meio aos cascalhos, fato que transformou sobremaneira o *modus vivendi* dos bandeirantes, que então passaram a não mais priorizar a captura de índios optando pelo estabelecimento de um núcleo minerador na região.

De acordo com Silva (1982: 2, 3), a bandeira de Moreira Cabral era composta de 56 homens brancos, aos quais se juntaram índios e escravos que rumaram em direção ao Coxipó.

Assim, nasceu, à margem esquerda do rio Cuiabá, na foz do rio Coxipó, o arraial de São Gonçalo Velho, atualmente São Gonçalo Beira-Rio, o primeiro povoamento, mais tarde denominado Minas do Cuyabá. Surgiram em

margem do rio, onde essas aves vêm comer o barro salitroso. São Paulo. V. Itaguaba. Foi o primitivo nome da cidade de Porto Feliz.

seguida o arraial da Forquilha, no rio Coxipó, mais acima, onde atualmente se situa o arraial do Coxipó do Ouro, e o arraial do Cuiabá, nas Minas ou Lavras do Sutil, às margens do córrego da Prainha. Em Forquilha, a 8 de abril de 1719, foi lavrado o termo ou ata de fundação do arraial, sendo Moreira Cabral nomeado seu guarda-mor regente.

A mudança de Cuiabá para o sítio atual deveu-se à iniciativa de Miguel Sutil de Oliveira, de João Francisco Barbado e de seus companheiros que, atraindo os moradores da antiga povoação, chegaram à embocadura do córrego da Prainha onde, guiados pelos índios, encontraram maior abundância de ouro e, estabelecidos ao pé do morro de N. S^a do Rosário, na “Lavra do Sutil,” deram início ao arraial que viria a ser Cuiabá.

Esse novo eldorado atraiu para o lugar um grande fluxo de gente de toda a Colônia, que, apesar das dificuldades de comunicação, teve extraordinário e repentino desenvolvimento, tanto que, em 1º de janeiro de 1726, o Capitão-General Governador da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, mandou transformar o povoado em vila, sob a denominação de Vila Real do Nosso Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

À margem direita do rio Cuiabá, no lado oposto ao primeiro acampamento de São Gonçalo Velho, estão localizadas as comunidades tradicionais ribeirinhas de Bonsucesso e Pai André, distritos em que certamente há indícios linguísticos que refletem o falar cuiabano, cujas características remetem ao português arcaico, típico do português falado no norte de Portugal e, provavelmente, trazido para esta região pelos bandeirantes paulistas no início do século XVIII, além, também, de características do que se tem denominado “dialeto caipira”. Sobre esse assunto, Santiago-Almeida (2000, 2005a, 2005b) levanta a hipótese de que a paulistanidade caipira trazida pelos bandeirantes foi uma influência decisiva na formação sociocultural do povo da Baixada Cuiabana. O falar cuiabano seria, segundo o autor, citado por Cox (2009: 75-90), o resultado do contato, bastante estreito, entre o dialeto caipira, recheado, ele próprio, de elementos típicos do português arcaico, e as línguas indígenas faladas na região.⁷

2.3. Várzea Grande

Várzea Grande, que forma uma conurbação com Cuiabá, da qual é separada apenas pelo rio Cuiabá, que empresta seu nome à capital mato-grossense, tem

⁷ Ver, a propósito, Cox, M. I. P. Estudos Linguísticos no/do Mato Grosso – O falar cuiabano em evidência. *Polifonia*, Cuiabá: EdUFMT, v. I, n. 17, p. 75-90, ano 17, 2009.

início no século XVIII, quando o bandeirante Miguel Sutil transpôs o rio e tentou a mineração nos córregos e encostas do Morro Vermelho (hoje Aeroporto Internacional Marechal Rondon), onde nada encontrou, nem ouro, nem índio.

O topônimo Várzea Grande foi motivado pela extensa planície, na qual o núcleo urbano se originou e se desenvolveu, abrangendo enormes várzeas.

Ferreira e Moura e Silva (2008: 230, 231) registram como data oficial da fundação de Várzea Grande o dia 15 de maio de 1867, época em que o general José Vieira Couto de Magalhães presidia a Província de Mato Grosso. Por ocasião da Guerra do Paraguai, foi campo de refugiados para abrigar prisioneiros paraguaios, muito hostilizados em razão de notícias divulgadas das atrocidades praticadas por Solano Lopez contra brasileiros. Como esses prisioneiros paraguaios eram hábeis no corte e na secagem da carne bovina e também na fabricação de arreios e de curtume, a localidade tornou-se centro de referência na produção e na comercialização de carne seca. Terminada a guerra, tanto os paraguaios quanto os soldados brasileiros, os vaqueiros, os carniceros⁸ e os lavradores permaneceram na comunidade.

Por intermédio da Lei Provincial nº 145, de 6 de abril de 1886, o povoado de Várzea Grande foi elevado à categoria de Paróquia, tendo sido transformado em município, desmembrado de Cuiabá, pela Lei nº 126, de 23 de setembro de 1948. Denominada inicialmente de Várzea do Boiadeiro ou Várzea do Vaqueiro, a localidade viria a transformar-se na cidade industrial de Mato Grosso.

De acordo com o IBGE/2010, Várzea Grande, com área de 938.057 km², é formada, geopoliticamente, por seis distritos – Bonsucesso, Capão Grande, Engordador, Pai André, Praia Grande e Souza Lima, além de 140 bairros. Atualmente, possui 248.130 habitantes, sua economia é predominantemente

⁸ O termo carnicero era atribuído aos paraguaios, prisioneiros da guerra do Brasil com o Paraguai, em razão de sua perícia no corte e na secagem da carne, no fabrico do arreame e no curtume de couros. A respeito desse ofício descreve Monteiro: “Por ser um ponto de negócios de gado, desde cedo iniciou-se a matança de bois no povoado de Várzea Grande. Os presos paraguaios entrosados com os boiadeiros mantevam e secavam a carne, diariamente, passando a vendê-la em Cuiabá, por intermédio de brasileiros que conduziam as mantas para a Capital em bruacas de couro cru, ali mesmo fabricadas e postas sobre o dorso de burros e de bois até a margem do Cuiabá para, então, após a travessia, colocá-las à venda no comércio do porto” (1987: 19, 20).

Segundo Houaiss (2009: 408), o verbete carnicero, s.m., é aquele que tem o ofício de abater reses; o que esquiteja carne para vendê-la a retalho; açougueiro.

comercial e industrial e, juntamente com Cuiabá, forma a região metropolitana mais importante do Estado de Mato Grosso.

2.4. Bonsucesso

Criado em 1823, à margem direita do rio Cuiabá, Bonsucesso, o mais antigo distrito de Várzea Grande, é uma comunidade tradicional ribeirinha⁹ que cresceu em torno de um engenho de açúcar.

A toponímia original nomeou o lugar de “Custa-me-ver”, em razão do grande matagal e das poucas casas existentes, situação que não servia como atrativo para novos moradores e visitantes. Mais tarde, seu fundador, Justino Antônio da Silva Claro, denominou o lugarejo de Bom Sucesso, afirmando: “Aqui ainda vai ser um sucesso!”, segundo um dos moradores entrevistados.

A afirmação otimista do fundador de Bonsucesso, que vislumbra um futuro promissor para a sua localidade, coincide com a observação de Dick (1990: 94) a respeito de topônimos que parecem trazer consigo a reminiscência de algumas das funções mágicas dos nomes ou das crenças supersticiosas a eles atribuídas, desde os tempos mais remotos. Acredita a autora que talvez mais evidentes se tornem tais crenças em topônimos do tipo Bom Futuro, Bom Lugar, Bom Nome, Bom Princípio, que poderiam traduzir intenções, esperanças, desejos, enfim, dos moradores, no sentido de que, realmente, tais localidades correspondam, no decurso dos dias, à expectativa comum.

Bonsucesso está localizado na zona rural, a uma distância de 8 km da sede de Várzea Grande. Sua rua principal, denominada Rua João Gil da Silva ou, simplesmente, Principal, com cerca de um quilômetro de extensão, margeia a barranca do rio Cuiabá, assim como as demais ruas de outras comunidades beira-rio dessa região da Baixada Cuiabana.¹⁰ Integram o seu território as localidades de Souza Lima (antigo Sovaco), Capão Grande, Pai André, Capela do Piçarrão e Limpo Grande.

⁹ São consideradas populações tradicionais aquelas comunidades que dependem culturalmente do extrativismo dos recursos naturais e que ocupam ou utilizam-se de uma mesma área geográfica há várias gerações, de forma tal que não provocam alterações no meio ambiente, isto é, são partícipes da natureza. Essas comunidades são consideradas, pelas suas peculiaridades sociais e culturais, como capazes de transmitir saberes e vivências no uso de recursos naturais, baseado no conhecimento acumulado e na permanente relação com a natureza (GUARIM, 2000: 10).

¹⁰ Nas comunidades ribeirinhas dessa região, as casas são alinhadas, formando uma rua ao longo da margem do rio, como pode ser constatado em Passagem da Conceição, São Gonçalo e Pai André.

Segundo Tavares (2004: 2), esse distrito é fruto da ocupação imediata impingida pelos aventureiros e portugueses que vinham em busca de ouro e, nessa busca, plantavam roças como meio de assegurar sua subsistência.

A respeito dessas plantações, Ferreira (1999: 136) relata que as primeiras roças foram plantadas às margens do rio Cuiabá, próximo ao desaguadouro do rio Coxipó, quando as expedições de Antonio Pires de Campos e Pascoal Moreira Cabral se estabeleceram para se recuperar do confronto que tiveram com os Coxiponés. Essas roças visavam ao suprimento imediato das Monções.¹¹

Conforme relato de moradores antigos do lugar, as terras onde se situa Bonsucesso pertenciam, no século XIX, a Justino Antônio da Silva Claro, fazendeiro que possuía empregados e escravos. Seus herdeiros dividiram a área de terra e nela desenvolveram atividades relativas à agropecuária de subsistência, sendo a cana-de-açúcar a principal plantação, da qual se produzia aguardente de alambique, além do “açúcar de barro”, espécie de açúcar mascavo muito útil na época.

Atualmente, Bonsucesso tem 1,2 mil habitantes que vivem economicamente da pesca, a qual, embora já não represente a única fonte de renda ou o suficiente para os pescadores locais, ainda gera dividendos às famílias, que complementam sua renda trabalhando aos finais de semana nas iniciativas comerciais ligadas à gastronomia à base de peixe.

Além do peixe, o distrito também se sustenta por pequenos estabelecimentos comerciais, pelo artesanato marcado pela tecelagem de redes e bordados e pelo turismo que atrai visitantes para as festas religiosas do Divino Espírito Santo, São Benedito, Nossa Senhora Auxiliadora e São Pedro, além do carnaval de rua. A Festa de São Pedro, a maior delas, foi declarada oficialmente como evento cultural-religioso e, como tal, consta do calendário estadual de eventos culturais e turísticos.

2.5. Pai André

O distrito de Pai André, a exemplo de Bonsucesso, também é uma comunidade ribeirinha¹² cujo processo sócio-histórico-econômico-cultural inicia-se pelo rio Cuiabá, com a chegada dos bandeirantes paulistas a partir do século

¹¹ O termo “Coxiponés” está escrito no plural e o termo “Monções”, com inicial maiúscula, em respeito à grafia original da autora.

¹² Denomina-se “comunidade ribeirinha”, segundo Ferreira (1999: 138), o núcleo humano menor existente às margens do rio Cuiabá, cujos integrantes vivem da pesca e da agricultura de subsistência.

XVIII, quando começaram a surgir os primeiros povoados em decorrência das descobertas de ouro.

No período da produção açucareira, o povoamento do Vale do Rio Cuiabá cresceu muito em função da implantação de 12 usinas ao longo do rio, o que atraiu a atenção de muitas pessoas de outras regiões, dada a necessidade de mão de obra para o cultivo e para o beneficiamento da cana.

Pai André é um pequeno povoado formado por uma única rua denominada Antídio Manoel da Silva, popularmente conhecida como Principal. Por ela circulam pedestres, animais, carroças, carros de bois e automóveis. Suas casas são simples e estão linearmente distribuídas ao longo da margem direita do rio Cuiabá.

O lugarejo situa-se entre os distritos de Bonsucesso e de Praia Grande, em frente ao Morrinho, também conhecido como Morro de Santo Antônio. A maioria de sua população é oriunda de Santo Antônio de Leverger e do Morrinho, ambos situados na margem esquerda do referido rio. Estas localidades são submetidas a frequentes inundações, devido à baixa altitude de suas áreas, fato que as tornam alagadiças e insalubres e, como consequência, dão azo ao fluxo migratório para o distrito de Pai André, onde as terras são mais altas.

De acordo com a Associação de Moradores do Distrito de Pai André, a comunidade possui 235 habitantes e grande parte de sua força produtiva atua na atividade pesqueira.

Conforme relata Monteiro (1973: 107, 108), essa povoação já teve muitos moradores na época das usinas açucareiras, do tráfego das lanchas e dos barcos a zinga (varejão),¹³ quando ali floresceram os canaviais. Com a decadência das usinas de açúcar, parte considerável da população migrou-se para Várzea Grande e Cuiabá, o lugar empobreceu e sua gente sobrevive hoje da horticultura, da pesca, bem como do aluguel de canoas e de pesqueiros para turistas e pescadores amadores.¹⁴

A implantação da Cooperativa de Pescadores e Artesãos de Pai André e Bonsucesso (Coorimbatá), em 1997, deu novo alento ao distrito, pois, desde que nasceu, faz parte do Projeto Agregação de Valor à Produção, por meio da agroindustrialização do Consórcio de Segurança Alimentar e Desen-

¹³ Zinga ou varejão, s.f. vara comprida com que se impulsiona embarcação miúda (canao, jangada etc.) em águas rasas (HOUAISS, 2009: 1975).

¹⁴ Atualmente, existem os seguintes pesqueiros/restaurantes na comunidade de Pai André: Pesqueiro do **Honório**, Pesqueiro do **Vivi**, Pesqueiro do **Baiano**, Pesqueiro da **Morena**, Pesqueiro do **Nhônô** e Pesqueiro do **Ramón**. Vale esclarecer que em todos eles é praticada somente a pesca artesanal.

volvimento Local da Baixada Cuiabana (Consad), que atua em projetos de inclusão social, gerando trabalho e renda para pescadores artesanais, agricultores e famílias de baixo poder aquisitivo.

No passado, esse distrito tinha importante papel no processo de desenvolvimento econômico da região do rio Cuiabá, por fornecer mão de obra para as usinas, por abastecê-las de cana-de-açúcar ou como fornecedor de peixes para seus trabalhadores.

A toponímia local, de acordo com a tradição oral, afirma que Pai André é uma homenagem prestada a um senhor negro e idoso, tido como caridoso, generoso e respeitado por todos da região. Este senhor, segundo comentário, não era da região, comprou as terras e as abandonou. Quando retornou, em gesto de desapego, dividiu-as com seus agregados.

3. Metodologia

Para a coleta dos dados quanto à ocorrência dos topônimos relativos aos dois distritos, lançou-se mão de dois diferentes instrumentos. O primeiro, usual em pesquisa sociolinguística, a entrevista, foi semiestruturada, por meio da qual, utilizando-se de gravador, foram colhidas informações de pessoas residentes nas localidades, precedida de preenchimento de formulário impresso com dados desses informantes como: nome, apelido, idade, local de nascimento, atividade profissional, local de nascimento dos pais e avós, grau de escolaridade e tempo de residência no local.

Considerando-se que, dentre os objetivos da pesquisa, está a identificação de topônimos atuais e anteriores, e sua significação, foram realizadas entrevistas com seis moradores residentes nos locais desde a infância, com domínio da história oral da região em estudo, sendo três de cada distrito e com idade a partir de 65 anos.

As entrevistas gravadas, sempre com a anuência dos entrevistados, foram, de certa forma, direcionadas pela entrevistadora quanto aos objetivos da pesquisa. Os entrevistados foram estimulados a narrar a história oral dos locais em análise.

Além das referidas entrevistas, foram observadas as ruas e as placas e visitadas algumas residências, locais de trabalho, escolas, comércio e restaurantes (peixarias), assim como consultados mapas, fotografias e informações bibliográficas.

A partir dos procedimentos metodológicos utilizados e das referências teóricas sobre Toponímia, procedeu-se à análise do *corpus*, valorizando as

observações de campo e as conversas espontâneas, as quais foram registradas em caderno e as entrevistas, gravadas.

4. Levantamento e classificação do inventário toponímico de Bonsucesso e Pai André

Dick (1987: 38-40) elaborou um modelo metodológico de classificação toponímica composto de 27 taxes das quais 11 se referem ao ambiente físico – taxionomias de natureza física (AF) – e 16 são de natureza antropocultural (AH), relativas às relações estabelecidas pelo homem enquanto ser sócio-histórico-cultural situado em dado espaço-tempo.

4.1. Taxionomias de natureza física

- 1. Astrotopônimos:** topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: Estrela (AH BA); Rio da Estrela (ES); Saturno (AH ES).¹⁵
- 2. Cardinotopônimos:** topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: Praia do Leste (PR); Serra do Norte (MT); Entre-Rios (AH AM); Ribeirão do Norte (MG); Lagoa do Sul (SC).
- 3. Cromotopônimos:** topônimos relativos à escala cromática. Ex.: Rio Branco (AM); Rio Negro (AM); Rio Pardo (SP); Serra Azul (SP).
- 4. Dimensiotopônimos:** topônimos relativos às características dimensionais de acidentes geográficos como extensão, comprimento, grossura, largura, espessura, altura, profundidade. Ex.: Ilha Comprida (AM); Serra Curta (BA); Larga (AH GO); Riacho Grosso (CE); Morro Alto (GO); Córrego Fundo (MT); Igarapé Profundo (RO).
- 5. Fitotopônimos:** topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, (Arroio Pinheiro, RS), em conjuntos da mesma espécie (Pinheiral, AH RJ), ou de espécies diferentes (Morro da Mata, MT; Caatinga, AH BA; Serra da Caatinga (RN), além de formações não espontâneas individuais (Ribeirão Café, ES) e em conjunto (Cafezal, AH PA).
- 6. Geomorfotopônimos:** topônimos relativos às formas topográficas: elevações (montanha – Montanhas, AH RN; monte – Monte Alto, AH

¹⁵ Cumpre-nos esclarecer que neste trabalho a sigla AF diz respeito aos acidentes físicos representados pelos topônimos de natureza física como rios, serras, morros, lagos, cachoeiras, vegetais, animais e minerais etc. e AH refere-se aos acidentes humanos ou aglomerados humanos, representados pelos topônimos de natureza humana como fazendas, rodovias, municípios, cidades, bairros, ruas, pontes, vilas, favelas, porto, escolas etc.

- SP; morro – Morro Azul, AH RS; colina – Colinas, AH GO; coxilha – Coxilha, AH RS) e depressões do terreno (vale – Vale Fundo, AH MG; baixada – Baixadão, AF/AH MT) e às formações litorâneas (costa – Costa Rica, AH MT; cabo – Cabo Frio, AH RJ; angra – Angra dos Reis, AH RJ; ilha – Ilhabela, AH SP; porto – Porto Velho, AH RO).
7. **Hidrotopônimos:** topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Ex.: água – Serra das Águas (GO), Água Boa, AH MG; rio – Riozinho, AH PI, Rio Preto, AH SP; córrego – Córrego Novo, AH MG; ribeirão – Ribeirão Preto, AH SP; braço – Braço do Norte, AH BA; foz – Foz do Riozinho, AH AM.
8. **Litotopônimos:** topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos (barro, Lagos do Barro (BA); barreiro – Córrego do Barreiro (AM); tijuco – Tijuco Preto, AH SP; ouro – Arroio do Ouro (RS), conjunto da mesma espécie (Córrego Tijucal, SP) ou de espécies diferentes (Minas Gerais, AH MG, Cristália, AH MG, Pedreiras, AH MG).
9. **Meteorotopônimos:** topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: vento – Serra do Vento (PB); Ventania, AH SP, Botucatu, AH SP; neve – Riacho das Neves (BA); chuva – Cachoeira da Chuva (RO), Cachoeira do Chuvisco (MT); Chuva, AH MG; trovão – Trovão, AH AM; Cachoeira Trovoada (PA).
10. **Morfotopônimos:** topônimos que refletem o sentido de forma geométrica. Ex.: Curva Grande, AH AM; Ilha Quadrada (RS); Lagoa Redonda (BA); Triângulo, AH MT.
11. **Zootopônimos:** topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos (boi – Rio do Boi (MG), e não domésticos (onça – Lagoa da Onça (RJ), e da mesma espécie em grupos (boiada – Ribeirão da Boiada (SP), Vacaria, AH RS, Tapiratiba, AH SP).

4.2. Taxionomias de natureza antropocultural

1. **Animotopônimos ou Nootopônimos:** topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria-prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. Ex.: vitória – Vitória, AH CE; triunfo – Triunfo, AH AC; saudade – Cachoeira da Saudade (MT); belo – Belo Campo, AH BA; feio – Rio Feio (SP).

2. **Antropotopônimos:** topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: prenome – Abel, AH MG, Benedito (igarapé, MT), Fátima, AH MT; hipocorístico – Bentinho, AH MG, Chiquita (ilha MT), Nico – (igarapé, AC); prenome + alcunha – Fernão Velho, AH AL, Joaquim Preto (igarapé do, PA), Jorge Pequeno (ribeirão, MG), Maria Magra – (serra da, MG), Pedro Ligeiro, AH GO); apelidos de família – Abreu, AH RS, Barbosa (arroio, RS), Silva, AH PA, Tavares (rio, SP); prenome + apelido de família – Antonio Amaral, AH MG, Francisco Dantas, AH RN, Manoel Alves (rio, GO).
3. **Axiotopônimos:** topônimos relativos aos títulos e às dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: Presidente Prudente, AH SP, Doutor Pedrinho, AH SC, Duque de Caxias, AH RJ.
4. **Corotopônimos:** topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Brasil, AH AM; Europa, AH AC, Amazonas, AH BA, Uruguai, AH MG.
5. **Cronotopônimos:** topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex.: Velha Boipeba, AH BA; Rio Novo Mundo (GO), Nova Viçosa (AH BA), Velha e Nova Emas, AH SP.
6. **Ecotopônimos:** topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: Casa da Telha, AH BA; Ocaçu, AH SP; Sobrado, AH BA.
7. **Ergotopônimos:** topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: flecha – Córrego da Flecha (MT); jangada – Jangada, MT; relógio – Relógio, AH PR.¹⁶
8. **Etnotopônimos:** topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: Guarani, AH PE; Ilha do Francês (RJ), Rio Xavante (MT), Chavantes, AH SP; Árabe (arroio, RS).
9. **Dirrematotopônimos:** topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Há Mais Tempo, AH MA; Valha-me Deus, AH MA; Vai Quem Quer (igarapé, AM), Deus me Livre, AH BA.
10. **Hierotopônimos:** topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana etc. Ex.: Cristo Rei, AH PR; Jesus (rio GO), Alá (lago, AM); Nossa Senhora da Glória, AH AM; às efemérides religiosas: Natividade, AH GO; Natal, AH AC; às associa-

¹⁶ Entre os ergotopônimos, é possível também a inclusão dos manufaturados como: farinha – Rio das Farinhas (ES); pinga – Riacho da Pinga (PI); vinho – Córrego do Vinho (MG); óleo – Óleo, AH SP; azeite – Morro do Azeite (MT).

ções religiosas: Cruz de Malta, AH SC; aos locais de cultos: igreja – Serra da Igreja (PR)); capela – Capela, AH AL; Capelazinha, AH MG. Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: a) **hagiotopônimos** – topônimos relativos aos santos e às santas do hagiológico romano: São Paulo, AH SP; Santa Tereza, AH GO; Santana da Boa Vista, AH RS; b) **mitotopônimos**: topônimos relativos às entidades mitológicas: saci – Ribeirão do Saci (ES); curupira – Lago Curupira (AM)); jurupari – Jurupari, AH AM; anhangá – Anhangá, AH BA.

11. **Historiotopônimos**: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e a seus integrantes, assim como a datas correspondentes. Ex.: Independência, AH AC; Rio 7 de Setembro (MT); Inconfidência, AH RJ; Inconfidentes, AH MG, Rua Vinte e Um de Abril (SP).
12. **Hodotopônimos (ou Odotopônimos)**: topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex.: Estradas, AH AM; Avenida, AH BA; Córrego do Atalho (GO); Travessa, AH BA; Rua de Palha, AH BA; Ladeira, AH MA.
13. **Numerotopônimos**: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Duas Barras, AH BA; Duas Pontes, AH RO; Três Coroas, AH RS.
14. **Poliotopônimos**: topônimos constituídos pelos vocábulos “vila”, “aldeia”, “cidade”, “povoado”, “arraial”. Ex.: Rio da Cidade, RJ; Serra da Aldeia (PB); Arraial, AH BA; Taubaté, AH SP.
15. **Sociotopônimos**: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça). Ex.: Sapateiro (serra do, SP); Pescador, AH MG; Serra dos Tropeiros (MG), Córrego Engenho Novo (MG), Oficina, AH MG.
16. **Somatotopônimos**: topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal. Ex.: Cotovelo, AH MG; Pé de Boi, AH SE; Pé de Galinha, AH BA; Rio da Mão Esquerda (AL); Lagoa da Mão Quebrada (PI); Igarapé do Dedo (RR); Córrego do Dedo Cortado (GO), Dedo Grosso, AH SC.

Vale assinalar que outros pesquisadores brasileiros trouxeram contribuições ao modelo classificatório de Dick. São eles:

Isquierdo (1996, apud SOUSA, 2009: 5) propõe uma subclassificação para a taxa dos animotopônimos ou nootopônimos: **animotopônimos ou nootopônimos eufóricos** marcam uma impressão agradável, otimista. Ex.:

Bonsucesso; e **animotopônimos** ou **nootopônimos disfóricos** marcam uma impressão desagradável, pessimista. Ex.: Seringal Solidão.

Lima (1997, apud SOUSA, 2009: 5), por sua vez, apresenta uma subdivisão para os hagiotopônimos: **hagiotopônimos autênticos**, nomes de inspiração religiosa que recuperam um santo ou uma santa aceitos e aprovados pelos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana, ex.: Santo Antonio; e **hagiotopônimos aparentes**, nomes de inspiração política que prestam tributos a um fundador ou a uma pessoa influente da localidade. Ex.: Fazenda Santa Elina – homenagem à proprietária de um imóvel rural em Mato Grosso.¹⁷

Já em Francisquini (1998, apud SOUSA, 2009: 6, 7), encontra-se o acréscimo das seguintes taxes:

acronimotopônimos – relativos às siglas. Ex.: Cianorte (PR);

estematotopônimos – os percebidos pelos sentidos. Ex.: Ribeirão Doce;

grafematopônimos – os que apresentam entre os elementos distintivos letras do alfabeto. Ex.: Seção C (PR);

higietopônimos – relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem-estar físico. Ex.: Água Limpa;

necrotopônimos – os que se referem aos que estão mortos e a restos mortais. Ex.: Córrego Caveira (PR).

Sousa (2009: 6, 7) afirma que as cinco taxes anteriormente citadas são de autoria de Francisquini, enquanto Zamariano (2006: 92) atribui as duas primeiras, acronimotopônimos e estematotopônimos, à sugestão de Vanderci de Andrade Aguilera e Ignez de Abreu Francisquini em monografia de especialização; as demais, grafematopônimos, higietopônimos e necrotopônimos, foram criadas com a ajuda de Aluysio Fávero, professor de Latim e Literatura Latina do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina.

Não cabe aqui, discutir a autoria das referidas taxes, apenas registrá-las em função da importância que o assunto traz para o enriquecimento da taxionomia toponímica.

Carvalho (2010: 149) apresenta uma taxe que não integra a classificação toponímica de Dick. Trata-se do **igneotopônimo**, cujas unidades lexicais

¹⁷ Os topônimos Bonsucesso e Fazenda Santa Elina são exemplos apresentados pelos autores deste artigo.

referem-se ao fogo, abrangendo todos os produtos resultantes de sua ação direta, quando usadas para denominar acidentes físicos e acidentes antrópicos. Ex.: Morro do Fogo, no município de Alto Araguaia/MT.

4.3. Inventário toponímico parcial de Bonsucesso, Pai André e localidades circunvizinhas

4.3.1. Classificação toponímica de natureza física

Nº de Ordem	Procedência	Tipo de Acidente	Topônimo	Língua(s) de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
1	Bonsucesso	Córrego	Formigueiro	LP	Zootopônimo	Simple
2		Córrego	Piçarrão	LP	Litotopônimo	Simple
3		Córrego	Traíra	LI	Zootopônimo	Simple
4	Cuiabá	Microrregião	Baixada Cuiabana	LP+LI	Geomorfotopônimo	Híbrido
5		Rio	Coxipó	LI	Zootopônimo	Simple
6		Rio	Cuiabá	LI	Zootopônimo	Simple
7		Rio	Manso	LP	Animotopônimo	Simple
8		Rio	Pari	LI	Ergotopônimo	Simple
9	Várzea Grande	Morro	Vermelho	LP	Cromotopônimo	Simple
10		Ribeirão	Aguaçu	LP	Fitotopônimo	Simple
11		Ribeirão	Espinheiro	LP	Fitotopônimo	Simple
12	Santo Antônio de Leverger	Morro	de Santo Antônio	LP	Hagiotopônimo	Composto
13	N. S ^a . do Livramento	Ribeirão	Cocais	LP	Fitotopônimo	Simple

4.3.2. Classificação toponímica de natureza antrópica, antropocultural ou humana

Nº de ordem	Procedência	Tipo de acidente	Topônimo	Língua(s) de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
1	Bonsucesso	Chácara	Bom Jardim	LP+LE	Animotopônimo ou nootopônimo	Composto
2		Distrito	de Bonsucesso	LP	Animotopônimo ou nootopônimo	Composto
3		Distrito	de Água Branca	LP	Hidrotopônimo	Composto
4		Distrito	de Capão Grande	LP+LI	Fitotopônimo	Híbrido
5		Distrito	de Praia Grande	LP	Dimensiotopônimo	Composto
6		Distrito	de Souza Lima	LP	Antropotopônimo	Composto
7		Distrito	do Sovaco	LP	Somatotopônimo	Simple
8		Escola	Profª Maria Barbosa Martins	LP	Axiotopônimo	Composto
9		Engenho	da Dona Buguela	LP	Axiotopônimo	Composto
10		Igreja	do Divino Espírito Santo	LP	Hierotopônimo	Composto
11		Localidade	de Capão do Pequi	LI	Fitotopônimo	Composto
12		Localidade	de Capela do Piçarrão	LP+LE	Litotopônimo	Híbrido

13		Localidade	de Capelinha	LP	Hierotopônimo	Simples
14		Localidade	de Curicaca	LI	Zootopônimo	Simples
15		Localidades	da Rota do Peixe	LP+LE	Zootopônimo	Híbrido
16		Localidade	de Limpo Grande	LP	Dimensiotopônimo	Composto
17		Rua	João Gil da Silva	LP	Antropotopônimo	Composto
18		Usina	Cachoeira do Pau	LP	Hidrotopônimo	Composto
19	Cuiabá	Arraial	da Forquilha	LE	Geomorfotopônimo	Simples
20		Arraial	de São Gonçalo	LP	Hagiotopônimo	Composto
21		Bairro	do Porto	LP	Geomorfotopônimo	Simples
22		Município	de Cuiabá	LI	Zootopônimo	Simples
23		Distrito	do Coxipó da Ponte	LP+LI	Zootopônimo	Híbrido
24		Estado	de Mato Grosso	LP	Fitotopônimo	Composto
25		Porto	Passagem Velha	LP+LE	Cronotopônimo	Híbrido
26	Pai André	Distrito	de Pai André	LP	Axiotopônimo	Composto
27		Localidade	Céu	LP	Astrotopônimo	Simples
28		Cooperativa de Pescadores	Coorimbatá	LP	Acronimotopônimo	Simples

29		Comunidade	do Morrinho	LP	Geomorfotopônimo	Simples
30		Pesqueiro	da Dona Morena	LP	Axiotopônimo	Composto
31	Várzea Grande	Aeroporto	Marechal Rondon	LE	Axiotopônimo	Composto
32		Alameda	Julio Müller	LP+LE	Historiotopônimo	Composto
33		Avenida	Couto Magalhães	LP	Historiotopônimo	Composto
34		Avenida	da FEB	LP	Acronimotopônimo	Simples
35		Avenida	Prof ^á Alzira Santana	LP	Axiotopônimo	Composto
36		Cidade	de Várzea Grande	LP	Dimensiotopônimo	Composto
37		Estrada	Boiadeira	LP	Zootopônimo	Simples
38		Localidade	Bosque	LP	Fitotopônimo	Simples
39		Localidade	do Carrapicho	LP	Fitotopônimo	Simples
40		Distrito	do Engordador	LP	Sociotopônimo	Simples
41		Localidade	do Poço Grande	LP	Dimensiotopônimo	Composto
42		Localidade	Umbauval	LI	Fitotopônimo	Simples
43		Povoado	de Passagem da Conceição	LP	Antropotopônimo	Composto
44		Ponte	do Poço Grande	LP	Dimensiotopônimo	Composto
45		Ponte	Julio Müller	LP+LE	Historiotopônimo	Composto

46		Povoado	de São Gonçalo	LP	Hagiotopônimo	Composto
47		Complexo viário	do Trevo do Lagarto	LP	Zootopônimo	Composto
48		Rodovia	dos Imigrantes	LP	Etnotopônimo	Composto
49		Usina	São Gonçalo	LP	Hagiotopônimo	Composto
50	Santo Antônio de Leverger	Usina	Aricá	LI	Fitotopônimo	Simple
51		Usina	Conceição	LP	Antropotopônimo	Simple
52		Usina	Flechas	LP	Ergotopônimo	Simple
53		Usina	Itacy	LI	Litotopônimo	Composto
54		Usina	Maravilha	LP	Animotopônimo ou nootopônimo	Simple
55		Usina	Tamandaré	LI	Antropotopônimo	Simple
56		Usina	São Sebastião	LP	Hagiotopônimo	Composto
57		Usina	São Miguel	LP	Hagiotopônimo	Composto
58		Município	de St°. Antonio de Leverger	LP+LE	Hagiotopônimo	Composto
59	N. Sª. do Livramento	Município	de N. Sª. do Livramento	LP	Hagiotopônimo	Composto

Considerações finais

No levantamento do inventário toponímico nas duas comunidades, foram selecionados 72 topônimos, grande parte deles representativa de acidentes geográficos que guardam estreita relação com o rio Cuiabá e com o peixe,

como é o caso de Baixada Cuiabana, Coorimbatá, rio Cuiabá, rio Coxipó, ribeirão Cocais, Praia Grande, Rota do Peixe, Porto, córregos Traíra, Piçarrão e Formigueiro, refletindo a forte influência do referido rio na formação sócio-histórico-econômica e linguística dos dois distritos, cenários desta pesquisa.

Componente mais significativo da paisagem e de importância econômica nos diferentes momentos históricos de Bonsucesso e de Pai André, o rio Cuiabá foi no passado o elemento de integração, via de comunicação, espaço de obtenção de proteína e fonte inspiradora na construção dos conhecimentos e da cultura da população, sendo, atualmente, o principal atrativo turístico e econômico das localidades em estudo.

A quantificação dos topônimos da região pesquisada retrata que não há homogeneidade nos resultados, haja vista que três tipologias se sobrepõem às demais, como são os casos dos fitotopônimos, que totalizaram dez denominações; dos hagiotopônimos, em um total de nove; e dos zootopônimos, que somaram seis. Esses dados revelam que as ocorrências de natureza física suplantaram as de natureza antrópica.

A grande incidência dos fitotopônimos na presente pesquisa vem confirmar o que se tem observado nos estudos toponímicos, ou seja, a supremacia dos designativos de origem vegetal na toponímia brasileira, o que significa a sua importância para o homem, para os animais e para o solo.¹⁸

A tipologia dos hagiotopônimos figura em segundo lugar nesta pesquisa, fato explicado pela forte presença religiosa nas comunidades investigadas, principalmente em Bonsucesso, onde há residências repletas de nichos ou de oratórios com imagens de santos do hagiológico católico e que estão, por tradição, ligados à vida das pessoas. Também nesse distrito há muitas casas que ostentam uma faixa em sua porta principal com a seguinte epígrafe: **“Católico, graças a Deus!”**

Os santos de devoção que marcam a religiosidade dos locais pesquisados são: Senhor Divino, Santo Antônio, São João, São Gonçalo, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Auxiliadora e São Pe-

¹⁸ Sobre esse assunto, Isquerdo (s/d) confirma que os fitotopônimos situam-se sempre entre as categorias mais produtivas, quando não a primeira, em termos de ocorrência em estudos sobre a toponímia brasileira. Diz a pesquisadora que os projetos do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (Projeto Atems) e do Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (Projeto Atemig), por exemplo, apontam essa categoria de topônimos como a mais produtiva (1º lugar de ocorrência), nas duas unidades da Federação cobertas por esses projetos.

dro, este último, o mais festejado, cuja festa conta com a participação de cerca de dez mil pessoas todos os anos, oriundas de vários locais. O culto a esses santos é exteriorizado em missas e novenas, com oração do terço, procissão terrestre e fluvial, peregrinação das bandeiras e danças do siriri, cururu e de São Gonçalo.

A religiosidade é tão marcante nas comunidades de Cuiabá e de Várzea Grande que em ínfimo espaço geográfico tem-se o mesmo santo, São Gonçalo, a toponimizar três locais: Comunidade de São Gonçalo Beira-Rio, lado esquerdo do rio Cuiabá (em Cuiabá); Comunidade São Gonçalo de Várzea Grande, lado direito do citado rio; e Usina São Gonçalo (em Várzea Grande). Ademais, há em Cuiabá um estabelecimento educacional de grande porte, uma igreja, três bairros, um córrego e um cemitério denominados, respectivamente, de Colégio São Gonçalo, Igreja São Gonçalo, Bairros São Gonçalo I, II e III, Córrego São Gonçalo, que banha os três citados bairros e deságua no rio Cuiabá, na altura do Bairro São Gonçalo Beira Rio (São Gonçalo Velho), e Cemitério São Gonçalo, que atende aos três referidos bairros São Gonçalo e a regiões circunvizinhas do distrito do Coxipó da Ponte.

Além da recorrência constatada nas mencionadas comunidades, a religiosidade também está presentificada nos municípios de Santo Antônio de Leverger e de Nossa Senhora do Livramento, nos quais a tradição popular atribui aos seus respectivos santos padroeiros a motivação toponímica para a sua denominação.

Essa prática comum de os católicos usarem designações com nomes de santos significa que estão atribuindo a eles a proteção de tal local. É que, como assinala Isquierdo, “dar o nome de um santo a alguém ou a algum lugar significa colocar esse ser ou esse local nomeado sob os cuidados específicos desse santo” (2006: 142, 143).

A grande incidência de hagiotopônimos na toponímia dos lugares pesquisados pode ser justificada, sobretudo, pela tradição religiosa dos colonizadores portugueses, considerando que Portugal é um país eminentemente católico. Ao deslocarem-se para o Brasil, os portugueses trouxeram consigo a sua religiosidade e a disseminaram por todos os quadrantes em que pisavam, pois não se pode ignorar que o Brasil nasceu sob o signo da Cruz e da Fé.¹⁹

¹⁹ De acordo com Dick (1990: 312-314), o Brasil nasceu sob o signo da cruz e da fé. O monte Pascoal teve seu batismo relacionado à Páscoa cristã; também de natureza católica é a origem do nome da terra, Ilha de Vera Cruz, transformado, depois, em Terra de Santa

A relevância da taxa dos hagiopônimos é assim enfatizada por Dick, que entende que “a razão de ser dessa toponímia de origem religiosa encontra no homem, ou no denominador, a sua expressividade, objetiva e concreta. Legítimo produto de uma mentalidade de época, liga-se a todo um processo subjetivo de reflexão, muito mais próximo, portanto, do intangível, que das manifestações reais do mundo sensível, a cercar o ambiente natural onde o indivíduo se movimenta” (1990: 311).

A terceira categoria em escala de ocorrência é a de zootopônimos, com seis topônimos, em uma demonstração de que os animais também se constituem em seres motivadores dos quais o homem lança mão para designar o seu espaço circundante.

Ao referir-se aos zootopônimos, Dick (1996: 356) fala da importância do animal para a realidade cotidiana do índio, sendo comprovado esse fato pela quantidade elevada de zootopônimos difundidos pelo território. Para a autora, os nomes dos animais fazem parte de uma realidade perceptível ou do mundo concreto.

Chamou a atenção a recorrência da lexia **grande**, que nomeia os topônimos **Várzea Grande**, **Capão Grande**, **Limpo Grande**, **Poço Grande**, **Ponte do Poço Grande** e **Praia Grande**, qualificativos que, nesta pesquisa, foram tipologicamente classificados como dimensiopônimos, ou seja, topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos como extensão, comprimento, largura, espessura, altura e profundidade. Esse atributo, **grande**, no caso específico de **Várzea Grande**, é sugestivo de poder, influência e ostentação, levando a crer, em leitura empírica rasa, que o seu denominador, assim como seus cidadãos, querem enaltecê-la pelas suas riquezas materiais e pelo seu potencial humano e, por essas razões, querem exteriorizar que a referida localidade e todos os seus acidentes físicos e humanos são grandes, o que equivale dizer que são importantes.

Neste trabalho buscou-se destacar a relevância do nome e do ato de nomear, pois entende-se que designar e legalizar o espaço é essencial para a evolução da humanidade, considerando-se que o nome é o primeiro atributo da vida civil do homem e da existência legal para os lugares.

Isso evidenciou o caráter multidisciplinar da Toponímia como ramo da Linguística, a qual intersecciona-se com outras ciências que têm compromis-

Cruz. Estes são exemplos de acidentes recém-nomeados à época do descobrimento e que se enquadraram na sistemática denominativa genérica de se buscar os motivos nas inscrições do calendário religioso.

so com o homem enquanto ser linguístico usuário da língua para expressar a sua cultura, comunicar o seu pensamento e, sobretudo, relacionar-se com o outro exercitando a sua cidadania.

Embora a cana-de-açúcar também seja um produto presente na economia de subsistência local, não se constatou sua influência na designação dos topônimos, o que leva a crer que a repercussão socioeconômica do peixe é decisiva, provavelmente, por gerar dividendos mais imediatos e palpáveis, além do fato de as usinas açucareiras terem entrado em decadência há muito tempo, chegando a desaparecer.

O levantamento e a descrição toponímica dessa região, que integra a microrregião da Baixada Cuiabana, também denominada de Vale do Cuiabá ou Planície Cuiabana, como se procurou fazer aqui, são muito significativos, uma vez que os nomes dos lugares trazem em si marcas que são verdadeiras testemunhas da história de um povo, tendo em vista que retratam o seu patrimônio sócio-linguístico-cultural, além de propiciarem o conhecimento de parte das matrizes genealógicas que formam a história linguística do cidadão varzea-grandense.

Ter esta visão a respeito de um lugar é compreender as relações que o permeiam, ou seja, é compreender as outras dimensões além das questões meramente nominativo-descritivas. Isto porque o topônimo condensa muitas informações, principalmente aquelas relacionadas ao homem situado em determinado ambiente, no qual constrói e reconstrói a sua história linguística e sociocultural. Nessa linha de raciocínio, há que se fazer muitas reflexões sobre as vivências locais, sem perder de vista o que foi prejudicado e, tampouco, a capacidade de responder aos estímulos internos e externos com diferentes velocidades. Para que isso se torne possível, a Toponímia precisa ser estudada considerando a relação homem-espaco-nome-linguagem.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Elias Alves de. *Estudo paleográfico e codicológico de manuscritos dos séculos XVIII e XIX*: edições fac-similar e semidiplomática. São Paulo: FFLCH-USP, 2007. (Tese de doutorado em Filologia e Língua Portuguesa).

ANDRADE, Maria Margarida. *Introdução à metodologia do trabalho científico*: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ANDRADE, Karylleila dos Santos; CAVALCANTE, Lynara Raquel. O es-

tudo dos nomes no contexto da BR Belém-Brasília: análise das Fichas Lexicográfico-toponímicas. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, p. 862. (Anais do XII CNLF).

ANDRADE, Nara Luiza Reis de. Caracterização morfométrica e pluviométrica da Bacia do Manso. *Geociências*, São Paulo: Unesp, v. 27, p. 237-248, 2008.

BÍBLIA. A. T. Gênesis 2. 121. ed. São Paulo: Ave Maria, 1998, p. 10-14.

BARBOSA, Osmar. *Um nome para o bebê*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984. (Coleção Ediouro).

CARVALHO, Maria Aparecida de. *Contribuições para o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso – Mesorregião Sudeste Mato-Grossense*. São Paulo: FFLCH-USP, 2010. (Tese de Doutorado).

CARVALINHOS, [s.d.]. Estudos de onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. [s.l.].

CHIARADIA, Clóvis. *Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena*. São Paulo: Limiar, 2008.

CORTEZ, Itã. Um porto mais que feliz. *Jornal Novas Técnicas*, Porto Feliz/SP, 28. ed., ano 3, out. 2006.

COX, M. Inês Pagliarini. Estudos Linguísticos no/do Mato Grosso – O falar cuiabano em evidência. *Polifonia*, Cuiabá/MT: EdUFMT, ano 17, n. 17, 2009.

CRUZ, Felisberto Pereira da. História de Mato Grosso: o processo de colonização de Mato Grosso. Disponível em: <<http://geografandotga.blogspot.com>>. 2007.

DETTONI, Rachel do Valle. *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana-MT*. Belo Horizonte: Fac. de Letras/UFMG, 2003. (Tese de Doutorado).

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. *Direito administrativo*. 20. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

DI TIZIO, Ideli Raimundo. *Tietê ontem e hoje: preservação ou mudança toponímica e a legislação do ato de nomear. Uma proposta de lei*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. (Tese de Doutorado).

DICK, M. V. de P. do Amaral. Toponímia e Antroponímia no Brasil. São Paulo: FFLCH-USP, 1987. (Coletânea de Estudos).

_____. A motivação toponímica e a realidade brasileira. SP: Arquivo do Estado, 1990.

DRUMMOND, M. F. Ibrahim. Do falar cuiabano. *Cadernos Cuiabanos*, da PM de Cuiabá/SMEC/Dep. de Cultura e Turismo, Cuiabá, n. 5, 1978.

FAZZIO, Gisela Félix de. *Estudo toponímico do município de Promissão: a cidade e as ruas*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. (Dissertação de Mestrado).

FERNANDES, Francisco. *Dicionário brasileiro globo*. 31. ed. São Paulo: Globo, 1993.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Buriti, 2001.

_____. *Enciclopédia ilustrada de Mato Grosso*. Cuiabá: Buriti, 2004.

FERREIRA, J. C. Vicente; SILVA, José de Moura e. *Cidades de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes*. Cuiabá: Memória Brasileira, 2008.

FERREIRA, A. B. de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FERREIRA, Maria Saleti Ferraz Dias. *O Rio Cuiabá como subsidio para a educação ambiental*. Cuiabá: EdUFMT, 1999.

GUARIM, Vera Lúcia. Sustentabilidade Ambiental em Comunidades Ribeirinhas Tradicionais. III Simpósio sobre Recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal: Os Desafios do Novo Milênio. Corumbá-MS, 27 - 30 nov. 2000.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Cândida. A trilha dos buritis no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul. Disponível em: < http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiengtlex/pdf/resumos/CandidaSeabra_Aparecida%20Isquerdo.pdf>, 2010. Acesso em: 14 abr. 2012.

_____. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Araraquara-SP: Unesp, 1996. (Tese de Doutorado).

LIMA, José Leonildo. *A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano*. Campinas: Unicamp/IEL, 2007. (Tese de Doutorado).

MAEDA, R. M. Araújo. *A Toponímia Sul-Mato-Grossense: Um Estudo dos Nomes de Fazendas*. Araraquara/SP: Universidade Estadual Paulista, 2010. (Tese de Doutorado).

MEDEIROS, José. Rapadura doce de Bom Sucesso. Disponível em: <<http://www.otimamt.com.br/conteudo.php?sid=22&cid=98>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

MELLO, Saulo Álvaro; BRAZIL, Maria do Carmo. Trabalhadores escravizados: remeiros – carregadores e remeiros-defensores nos Relatos Monçoeiros. 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba, 2009.

MENDES, Marcos Amaral. *História e geografia de Mato Grosso*. 3 ed. Cuiabá: Cafarnaum, 2009.

MENDONÇA, Rubens de. *História de Mato Grosso*. 4. ed. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1982.

MONTEIRO, Washington de Barros. *Curso de Direito Civil*. São Paulo: Saraiva, 1986.

MONTEIRO, Ubaldo. *No portal da Amazônia: O 1º século do município industrial de Várzea Grande*. Goiânia: Rio Bonito, 1973.

_____. *Várzea Grande: passado e presente confrontos*. Cuiabá: Policromos, 1987.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

ONU. Padronização nacional de nomes geográficos - Diretrizes. Disponível em: <<http://www.toponimia.org/diretrizes>>. Acesso em: 1º abr. 2010.

PÓVOAS, Eduardo. O que já tivemos. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cód=340678>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

PÓVOAS, Lenine C. *História de Mato Grosso*. Cuiabá: Resenha Tributária, 1985.

RIBEIRO, Hidelberto de Souza. *O migrante e a cidade: dilemas e conflitos*. Araraquara/SP: [s.ed], 2001.

SÁ, Edmilson José. Toponímia: A cara do Brasil. *Revista Língua Portuguesa*, Escala Educacional, n. 24, ISSN 1984-3682, p. 10-13, jun. 2010.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1987.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana*: traços de língua antiga preservados no Brasil (Manuscritos da época das Bandeiras, séc. XVIII). São Paulo: FFLCH-USP, 2000. (Tese de Doutorado).

_____. Para a história do português brasileiro: lote cuiabano. In: *Vozes Cuiabanas*: estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral, 2005a.

_____. Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano. In: *Vozes Cuiabanas*: estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral, 2005b.

SANTOS, F. Fernandes. *Estudo toponímico do município de Barra do Garças, microrregião do Médio Araguaia, Mato Grosso*: contribuição para o Atlas Toponímico de Mato Grosso. São Paulo: FFLCH-USP, 2005 (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Octayde Jorge da. *Um estudo sobre a História de Mato Grosso*. 2. ed. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1982.

SILVA, P. P. Costa e. *Bibliografia crítica das monções cuiabanas*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2005.

_____. *Cuyaverá: Cuiabá: a lontra brilhante*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2007.

_____. *São Gonçalo Velho: povoação cuiabana pioneira*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

SILVA, Rodrigo da. Monções revisitadas: patrimônio e cultura material. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/revista>>. Acesso em: 6 abr. 2010.

Disponível em: <<http://www.infoescola.com/hidrografia/rio-eufrates/>>. Acesso: 19 out. 2010.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Vocabulário tupi-guarani português*. São Paulo: Vidalivros, 2008.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Toponímia e Ensino: Propostas para a aplicação no nível básico*. Rio Branco/AC: UFAC, 2007.

_____. Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: Gênese e Trajetória. *Revista Voz das Letras*, Concórdia/SC: Univ. do Contestado, n. 12, 2009.

TAVARES, Marilze. A motivação de topônimos indígenas de Mato Grosso do Sul. *Signum: Estudos Linguísticos de Londrina*, Londrina, n. 11/2, p. 257-275, dez. 2008.

TAVARES, José Wilson. Bonsucesso: História, Tradição e Fé. Disponível em: <http://www.educareagir.com.br/portal/index2.php?pg=Bom_Sucesso>. Acesso em: 4 ago. 2009.

TAVARES, José Wilson. Bonsucesso: História, Tradição e Fé. Disponível em: <http://www.educareagir.com.br/portal/index2.php?pg=Bom_Sucesso>. Acesso em: 16 nov. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VÁRZEA GRANDE. Agenda 21. Plano Diretor Participativo do Município de Várzea Grande: 2007-2017. Hidrografia. v. 2, ago. 2007.

PROJETO MEMÓRIA VIVA. Fundação Júlio Campos, Várzea Grande, [s.d.].

ZAMARIANO, Márcia. *Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853*. Londrina/PR: Universidade Estadual de Londrina, 2006. (Dissertação de Mestrado).

Recebido em fevereiro 2012
Aceito em maio 2012